



Organizadoras

Michele Kamers

Ana Suy

Rosa Maria Marini

Como amam as crianças?

Sobre a psicanálise e o amor

Blucher

COMO AMAM AS CRIANÇAS?

Sobre a psicanálise e o amor

Organizadoras

Michele Kamers

Ana Suy

Rosa Maria Marini

Como amam as crianças? Sobre a psicanálise e o amor

© 2024 Michele Kamers, Ana Suy e Rosa Maria Marini (organizadoras)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Ariana Corrêa

Preparação de texto Mariana Naime e Ana Maria Fiorini

Diagramação Thaís Pereira

Revisão de texto Christiane Oóka

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa *Children's Games* (1560), de Pieter Bruegel the Elder,

via Wikimedia Commons

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Como amam as crianças? : sobre a psicanálise e o amor / organizado por Michele Kamers, Ana Suy, Rosa Maria. Marini. -- São Paulo: Blucher, 2024.
272 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2357-3

1. Psicanálise 2. Crianças I. Kamers, Michele II. Suy, Ana III. Marini, Rosa Maria

24-3258

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio	7
<i>Crazy little thing called love: como amam as crianças?</i> <i>Rosa Maria Marini</i>	
Apresentação	15
A aposta no desencontro e a reinvenção do amor <i>Michele Kamers</i> <i>Ana Suy</i> <i>Rosa Maria Marini</i>	
1. Os amores da criança <i>Alba Flesler</i>	21
2. O a(mar) da infância <i>Ana Suy</i>	27
3. As condições para amar pelas lentes de Miguilim <i>Isabel Tatit</i>	43
4. O que a criança demanda? <i>Malvine Zalberg</i>	61
5. O amor da criança do seio à linguagem <i>Renata Udler Cromberg</i>	81

6.	Como amam as crianças? Sobre o amor e a psicanálise <i>Michèle Benhaïm</i>	105
7.	A fratria: o outro amor da infância <i>Jean-Michel Vivès</i>	119
8.	Eu me amo. Tu me amas? <i>Adela Judith Stoppel de Gueller</i>	135
9.	A propósito da função do semelhante: amor e ódio entre irmãos <i>Maria Cristina Kupfer</i> <i>Leda Mariza Fischer Bernardino</i>	153
10.	O amor nas infâncias em jogo: diagnóstico, autismo, amizade e comunidade <i>Esteban Levin</i>	175
11.	O ódio suficientemente bom: sobre mães que amam demais <i>Rosa Maria Marini</i>	197
12.	Para que serve uma criança? Reflexões sobre o desejo de parentalidade e o mal-estar narcísico contemporâneo <i>Gabriel Inticher Binkowski</i>	217
13.	A violência materna e o traumático na infância <i>Michele Kamers</i>	235
14.	Um amor e quatro pistas sobre o amor de uma criança <i>Celso Gutfreind</i>	257
	Sobre os autores	267

Prefácio

Crazy little thing called love: como amam as crianças?

Rosa Maria Marini

*Esse pessoal vai contando as coisas
e pensa que criança acredita em tudo.*

José Mauro de Vasconcelos, *Meu pé de laranja lima*

Nunca fui habilidosa com questões amorosas.

Há muitos anos, um menino que acompanhava me deu um abraço, e a julgar pela minha desajeitada acolhida me diz: “você não gosta de abraços, né, Rosa?”

Revisitando essa cena que nunca deixou de estar em cena, reconheço que talvez não soubesse ser abraçada, pois sei que foi uma experiência escassa durante os anos de uma infância boa, mas seca...

E toda vez que a temática sobre o amor, as crianças e infância surge, essa pergunta me toma de assalto: como uma criança aprende a amar? Ela aprende? Eu aprendi? Alguém me ensinou?

Acho difícil inventariar o que aprendi na minha infância, prefiro dizer o que li.

E nessa lista – no topo da lista – está e estará sempre você, Zezé, sentado em Minguinho, seu pé de laranja lima. Dele você teve consolo

e curativo para as surras recebidas, até o dia em que dele só sobrou uma flor, que exalava sua dor.

E terá sempre o amor de um pai emprestado, o do Seu Portuga que lhe mostrou que a vida e a morte são faces da mesma existência.

É um livro de amor, de dor e de horror de uma criança que viveu uma infância. Pois toda criança é um pouco Zezé, assim como eu e você.

E quando da infância só nos resta o infantil, que possamos fazer dele textura para suportar certas tristezas incrustadas nos intervalos de felicidade.

Assim, a feitura dessa obra é resultado de alguns encontros e, especialmente, do meu desajuste em me ocupar do amor.

Em 2008, fui convidada a falar sobre a criança e o amor, tema pouquíssimo explorado até hoje. Fiz o que pude. E não foi lá grande coisa porque, como já alertei o leitor, falar de amor pra mim é caroço e falar de amor na infância é pedreira.

E justamente por isso essa coisa de amor na criança ficou lá – ou aqui – latente e latejando. Foi quando numa conversa informal em 2021 com Ana Suy, que se dedica incansavelmente sobre esse tema e com Michele Kamers, que se debruça incansavelmente em nos colocar à trabalho, que resolvemos unir forças, angústias, coragem e ousadia para tecer essa obra, tecida por muitos e por cada um em suas pesquisas, em suas práticas em suas experiências de vida e de amor.

O que um psicanalista que escuta crianças aprende sobre o amor?

Grosso modo, a questão da psicanálise gira em torno da relação do sujeito com a falta de objeto e as estratégias possíveis para se reaproximar do impossível. Neste sentido, as ditas “histórias de amor”, apontam para a promessa de felicidade, ou afastando o impossível – uma das denominações do real para Lacan –, ou transformando-o em proibido.

Freud já observara que o amor tende a funcionar como modelo de busca da felicidade e reconhecera sua natureza ilusória no sentido de consolar e tornar tolerável o mal-estar próprio do desejo humano. Deste modo, o amor se descobre a partir do encontro sempre faltoso do sujeito com a sexualidade.

No que tange a essa discussão é necessário localizar as diferentes posições subjetivas diante do objeto amoroso e a dupla possibilidade do amor de manter ou apagar a falta viva do desejo.

Deste modo, a interrogação recai sobre a posição subjetiva típica da criança e as possibilidades do amor neste tempo. Não raro a discussão sobre o amor e a criança localizam as questões amorosas dos pais em relação aos filhos, ou melhor, dos adultos que elegem as crianças como seus objetos amorosos. Sobre isso, muito se tem discutido, principalmente sobre o amor materno. Mas, e as crianças? Elas são capazes de amar? Como elas amam?

Também sabemos que as relações amorosas de um adulto se estruturam nas experiências amorosas da infância.

Em 1931(1976b), Freud declara:

o amor infantil é ilimitado exige a posse exclusiva, não se contenta com menos de que tudo. . . . não tem na realidade objetivo sendo incapaz de obter satisfação completa, e, principalmente por isso, está condenado a acabar em desapontamento e a ceder lugar a atitude hostil.

Este amor infantil – logo, da criança e do adulto também! –, se reconhece como um amor narcísico, um amor de si mesmo. Amor que vai, de todo modo fracassar, pois sucumbe à diferença.

Porém Freud acrescenta outro elemento interessante ao dizer que a criança “é capaz da maior parte das manifestações psíquicas do amor, por exemplo, a ternura, a dedicação e o ciúme” (Freud, 1907/1976a, p.139).

Neste sentido observamos a necessidade de circunscrever uma distinção que parece ser importante para reflexões sobre o tema: a face do amor pelo outro enquanto objeto; o amor pelo objeto do outro e o amor pelo objeto 'á' do outro.

Vamos lá chover um pouco no molhado...

O amor pelo outro enquanto objeto, ou o amor-paixão é aquele que se dirige ao outro como objeto, buscando complementaridade e revelando sua raiz narcísica, já indicada por Freud. Ou seja, o sujeito ama para ser amado. Nessa mesma lógica, a paixão (além do amor, o ódio e a ignorância) é, justamente, a alienação do desejo no objeto.

No entanto, há uma face imaginária deste amor que se revela nesse comentário de Freud: o ciúme. Um amor que se apoia no objeto do outro, despertando a criança para a cobiça e a inveja, típico entre irmãos. Aqui já podemos diferenciar entre o amor de uma criança em direção a um adulto e o amor entre as crianças.

Já a face simbólica do amor revela um esforço, sempre precário, de fazer frente ao real da falta. Nesse registro, diferentemente, o eixo do amor é situado, não no objeto, mas naquilo que o objeto não tem. Como *dom ativo*, o amor visa o ser, para além da captura imaginária, sustentando-se e equivocando-se na trama significativa. Lacan (1972-1973/1985) sublinha que é, sobretudo, a falta de harmonia fundamental entre sujeito e objeto. O amor como efeito de discurso.

Outro aspecto digno de nota é articulação entre o amor, a castração, o gozo e o sexo.

A articulação entre amor e castração: O amor seria, então, uma tentativa de fazer desaparecer a falta original do desejo. Pois o amor alimenta sempre a esperança de completude, de restituição de uma perda primordial do objeto, essa ânsia por reencontrá-lo, fundamento do desejo. A situação paradoxal do amor, no entanto, também é reconhecida por Freud e por Lacan: se o encontro amoroso proporciona, por um lado, um certo apaziguamento ao alimentar a ilusão

da completude perdida, por outro lado, implica sempre um efeito de logro, pois basta amar para que o sujeito se reencontre com essa hiância estrutural, como diz Lacan, na medida em que o que falta ao sujeito (amante), o objeto (amado) também não tem o sujeito busca, com o amor, fazer signo, suspendendo, ainda que provisoriamente, o deslizamento infinito do desejo.

Articulação entre amor e gozo: é a ordem do excesso, para além do prazer. Aqui, o sofrimento, embora relativamente comum no campo do amor, particularmente em sua vertente de paixão, revela uma possibilidade de enlace com o gozo e, portanto, de manifestar sua face mortífera, pois o prazer não mais o limita.

A articulação entre amor e sexo: para Freud, o termo “amor” é reservado para o movimento do eu na direção do objeto para além da relação de puro prazer. Ou seja, ainda que portando a marca do pulsional (sexual), o amor a ultrapassa. Lacan (1960-1961/1992) dirá que, quando se trata do amor, o que está em jogo é a suposição de um ser no outro. Iludido pelo significante (que sugere que haja ser).

Voltemos agora ao amor na condição de criança. O amor narcísico é, portanto, especular, o que nos leva pensar que a alienação é o fundamento do laço amoroso.

Sabemos justamente que o narcisismo é o modo como o sujeito vai superar e restituir a falta de amor do outro.

Mais do que amar, a criança ama ser amada e pode se tornar agressiva justamente para impedir de se separar desta condição: agredir para não perder seu amor.

Ora, uma criança pode amar quando ela pode oferecer ou recusar um objeto de DOM para o outro, que depois vai se transformar no que Lacan emblematiza com: amar é dar o que não se tem.

A mãe ama seu filho na medida em que este se torna seu objeto de amor. O outro é que está na direção do amor. Se fizermos um contraponto com o desejo há uma diferença, pois no desejo o que está em

jogo é o objeto. Dito de outro modo, enquanto um mira o objeto, o outro quer acertar o outro. Assim, todo sujeito em estado amoroso é aquele que já foi marcado pela separação, o que novamente nos leva a pensar a questão do amor nas crianças.

Proponho então, considerar neste trabalho apenas dois aspectos da maneira como uma criança ama de um modo a depender de sua posição subjetiva no tempo psíquico em que se situa.

Inicialmente estaríamos diante de um amor oral – ou devorador. Incorporar ou ser incorporado e por isso amar e ser amado. Essa porção “oral” de um amor voraz que é capaz de destruir o objeto em nome do amor.

Inúmeros são os casos que recebemos de amores excessivos e, portanto, devastadores, cujo aroma psicótico pode ser sentido nos aposentos do bebê. Vale lembrar, porém, que todos os laços amorosos primordiais são orais e o que os mantem nas bordas da estrutura é o desejo que vem atravessar um amor que goza demais. Jerusalinsky (2003), apoiado em Barthes, define que “quanto mais direta é a relação do sujeito com o gozo – quanto mais se goza na relação –, menos o amor tem lugar” (p. 22).

É por isso que as crianças entram numa “fase do cocô” com alegria e esperança, já que é o que a liberta de ser tragada pelo outro materno. A condição amorosa anal seria, então, o deslocamento do objeto amoroso para os objetos de dom, em que o amar e ser amado se revela nesse peculiar jogo de demandas – sempre amorosas – entre pedir, dar, aceitar e recusar o objeto que produz, e não mais que é.

“Eu fiz uma merda pra você mamãe, porque te amo” ou “não vou cagar pra você porque tô cagando pra você”. Essa presença simultânea e conflitante em um mesmo sujeito de sentimentos e tendências opostas em relação a um objeto ou a uma pessoa, denominado de ambivalência, liberta o sujeito de manter-se no cativeiro do amor materno por mais tempo, podendo amar e odiar com todo seu entusiasmo.

Que garantias uma criança tem de que é amada? Que garantias um adulto tem de que aquela criança vai lhe confirmar o falo na medida em que não se é ou tem?

Equações difíceis de resolução quando na matemática do amor – em qualquer tempo – o x do desejo se coloca na equação.

Se o amor tem uma origem e destino essencialmente narcísicos, o desejo por sua vez vislumbra o horizonte da alteridade. Devem, portanto, caminhar de mãos dadas, embora desencontrados.

Zezé, nosso herói mirim, nos revela em sua narrativa que o amor se manifesta, sim, entre tapas e beijos, ou melhor, entre desejo e gozo.

Na melhor das hipóteses, será assim que uma criança vai aprender que amar é tão arriscado e necessário quanto existir, indo até as últimas consequências para ter uma garantia mínima de ser amado pelo outro.

Aliás, quanto mais o outro encarnado acenar de modo claudicante quanto ao lugar que o pequeno sujeito ocupa em suas tramas amorosas, mais a criança dirigirá demandas e fará declarações infinitas de amor.

E quanto mais esse amor primordial e até incondicional se abrir para o desejo, mais uma criança se sentirá amada e não devorada.

Continuo inábil para o amor, mas isso não me impediu de senti-lo.

*This thing (this thing) called love (called love)
It cries (like a baby), in a cradle all night
It swings (woo), it jives (woo)
Shakes all over like a jellyfish
I kinda like it
Crazy little thing called love
(Queen, 1979)*

Referências

- Freud, S. (1976a). O esclarecimento sexual das crianças. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 135-144). Imago. (Trabalho original publicado em 1907)
- Freud, S. (1976b). Sexualidade feminina. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, J. Salomão Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1931)
- Jerusalinsky, A. (2003). O amor e o tempo na criança. *Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba*, 7, 17-27 (publicação interna).
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: A transferência*. Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Queen. (1979). Crazy Little Thing Called Love [Gravação]. *The Game*. EMI & Elektra.
- Vasconcelos, J. M. de (1971). *Meu pé de laranja lima*. Melhoramentos.

Apresentação

A aposta no desencontro e a reinvenção do amor

Michele Kamers

Ana Suy

Rosa Maria Marini

O que acontece quando três mulheres psicanalistas tão diferentes entre si se propõem a fazer uma mesma pergunta tão pouco feita sobre as crianças e o amor? A resposta está neste livro. Cada uma de nós escreveu um pouco a partir de suas questões e elaborações clínicas e também convidamos colegas para enriquecer nossos desdobramentos acerca dessa temática, que consideramos tão valiosa, mas com a qual encontramos tão poucos escritos.

Para dividir com vocês o resultado provisório dessa nossa amorosa e infantil investigação, optamos por dividir o livro em duas partes, sendo a primeira intitulada “O amor e suas teorias – as teorias do amor” e a segunda “A clínica dos amores”. Ao longo deste livro encontraremos psicanalistas de formações diferentes e experiências singulares que, a partir de uma mesma pergunta “como amam as crianças?” fizeram percursos muito sofisticados para construir seus artigos. Da clínica à parentalidade, da literatura aos bons encontros, do horror às mais belas invenções, encontramos aqui um acervo de textos que tangenciam um tema muito original para o nosso campo.

Na primeira parte encontramos textos de Alba Flesler, Ana Suy, Isabel Tatit, Malvine Zalcberg, Renata Udler Cromberg, Michèle

Benhaïm e Jean-Michel Vivès. Na segunda parte, contamos com escritos de Adela Judith Stoppel de Gueller, Celso Guttfreind, Leda Mariza Fischer Bernardino e Maria Cristina Kupfer, Esteban Levin, Rosa Maria Marini e Michele Kamers.

Em nosso primeiro texto, algumas especificidades do amor das crianças são bordejadas por Alba Flesler em “Os amores da criança”. Nele, a autora propõe uma diferença entre sentimento e afeto, diferença essa que não é natural, mas consequência de um trabalho de linguagem, muito bem discutido por Ana Suy em seu artigo O a(mar) da infância em que retoma significantes primordiais que participam da constituição do sujeito, apostando no brincar como horizonte fundamental para que o sujeito criança possa se reinventar diante da condição de ser objeto privilegiado de seus primeiros Outros. Ao enfatizar que, no amor, o que está em jogo é sempre o infantil de cada sujeito, salienta a necessária renúncia ao amor idealizado, excessivo e totalitário que conduziria à morte. Possibilidade de subverter a lógica tirana e totalitária do narcisismo infantil, numa condição em que mãe e filho poderiam se perder e se reencontrar de inúmeras maneiras no campo do outro.

Pela via da arte, Isabel Tatit, no artigo intitulado “As condições para amar pelas lentes de Miguilim” escreve sobre *Campo geral*, romance de Guimarães Rosa, sobre Miguilin e Dito. Em seu texto, a autora discorre sobre o “amor de resistência” que eles vivem, uma vez que estranham seu meio hostil, sem deixar o amor se colonizar pelos fracassos do mundo daqueles adultos. A autora traz a compreensão freudiana de “infamiliaridade” para demarcar o amor infantil, que se faz orientado por algum não saber, marca de alguma novidade, ainda que não toda. Com uma aposta num laço amoroso horizontal, nos traz uma proposta de amor que vai para além e aquém da imaginária fantasia de completude, aparecendo por meio da função simbólica do semelhante e, assim, fazendo oposição à barbárie. Encontramos uma ideia muito original em seu texto, que nos fala do amor como um tratamento à falta, no qual o amor aparece como uma ética entre as crianças.

No texto “O que a criança demanda?”, Malvine Zalcberg nos traz, utilizando recursos literários e cinematográficos, a crucial importância de que a criança seja recebida pelos pais não apenas com amor, mas também com desejo; e não apenas com desejo, mas com amor também. Com isso, destaca o dito lacaniano de que o modo com o qual a criança chega para os pais precisa encontrar uma maneira particular no desejo deles. Ela precisará encontrar com alguma opacidade no desejo do outro, mas também com palavras e com sua imagem antecipada na fantasia daqueles que a recebem no mundo, a fim de ter recursos para enfrentar a posição de desamparo com a qual chega à vida.

Em “O amor da criança do seio à linguagem”, Renata Udler Cromberg traz o registro da pulsão oral, em sabores espetaculares, para falar dos primeiros encontros com o prazer e a importância de perder algo disso para adentrar na linguagem. Por meio de comentários sobre o filme *Lion*, escreve sobre o impacto de fixação que uma criança pode ter ao longo de sua vida, como consequências de suas primeiras experiências amorosas. Desdobra também as facetas do ódio como “braços do amor”. Isso tudo fazendo jus às tão valiosas, embora pouco reconhecidas ainda, autoras pioneiras da psicanálise.

Ao evocar a questão do amor da criança, Michèle Benhaïm examina o amor à luz da nostalgia do sujeito com o objeto perdido refletindo sobre as condições necessárias à entrada da criança no campo do outro, cuja marca é a ambivalência. Ao assinalar a repetição como marca fundante da tentativa desse reencontro, a autora denuncia a dimensão do excesso assinatura que inscreve o amor da criança. Um amor excessivo, desmesurado e abusivo que visa à completude com o outro. Demanda paradoxal que desafia o fundamento essencial à entrada da criança no campo da civilização e do amor – a castração. Desilusão fundamental à realização do luto do objeto, desde sempre, perdido, condição para que o gozo possa condescender ao desejo. Decepção necessária vivenciada na relação com os primeiros objetos

de amor da criança que servirá como modelo de todas as relações por vir. Entretanto, se o desamparo, a agressividade e a violência são as marcas fundantes da ambivalência que constitui o amor na experiência humana, será a renúncia ao narcisismo e ao egoísmo próprio da infância, que lançará à criança ao campo do amor: renunciar aos primeiros objetos de amor para se enlaçar com outros.

Fundamento discutido por Jean-Michel Vivès em seu artigo intitulado “A fratria: o outro amor da infância”, em que o autor denuncia a primazia dada dentro da psicanálise em relação ao amor edipiano e o esquecimento das relações amódio estabelecidas no seio da fratria. Ao considerar o amor fraterno como um dos pilares fundamentais ao laço social, na medida em que implica na renúncia da condição de Majestade o Bebê para fazer laço com o outro, inicialmente tomado como intruso, Vivès aponta que a elaboração do desejo violento de eliminação do outro semelhante tomado como rival permite à criança não apenas construir relações de identificação e de cuidado com o outro semelhante. Contexto em que a renúncia à disputa pelo amor materno poderá participar da construção da alteridade, condição essencial para a construção de um laço social em que o sujeito possa se reconhecer no outro.

Na segunda parte do nosso livro, temos o artigo “Eu me amo. Tu me amas?”, em que Adela Judith Stoppel de Gueller nos brinda com consistentes considerações sobre o amor nas crianças a partir de vinhetas clínicas e de obras de ficção. Discute o estabelecimento do laço amoroso entre pais e filhos, indicando que sobre essa questão é preciso se ocupar do brincar, do amar e desamar, do separar para poder amar advertindo que:

Um amor sem fim, um amor com garantia de permanência absoluta pode se tornar asfíxiante e, definitivamente, ser para nós tão doloroso quanto o fim do amor. Um amor

eterno não grita nem chora, mas conduz a uma perene e silenciosa espera e à mais profunda solidão.

Ameaça anunciada por Celso Gutfreind que, ao discutir um caso clínico, nos apresenta Joaquim, um menino que a partir do nascimento de um irmão se recusa a comer e a dormir capturado por questionamentos sobre o seu lugar diante do investimento de seus pais em direção ao recém-nascido. Ao situar quatro pistas fundamentais em relação ao amor da criança, o autor salienta que a condição para a criança amar é ser amada; o brincar como fundamento para a elaboração dos impasses próprios à infância; a inscrição de interdições e limites necessários para barrar a tirania infantil e, por último, a necessidade de realizar um luto dos ideais para que se possa amar para além das adversidades.

Temática aprofundada no artigo “A propósito da função do semelhante: amor e ódio entre irmãos”, em que Maria Cristina Kupfer e Leda Mariza Fischer Bernardino lançam questões fundamentais sobre o amor e o ódio entre irmãos na contemporaneidade. Ao retomar elementos fundamentais sobre algumas distinções necessárias entre complexo do semelhante, função do semelhante, complexo familiar, entre semelhante e próximo e, finalmente, entre função do semelhante e laço fraterno, destacam que o laço social de uma criança com outra é feito pela falta, assinalando a diferença radical entre o laço da criança com o outro adulto e com o outro semelhante.

Ao enfatizar a importância do brincar, Esteban Levin em seu artigo “Amor nas infâncias em jogo: diagnóstico, autismo, amizade e comunidade”, aborda a questão do diagnóstico propondo uma forma de diagnosticar a experiência infantil por meio da plasticidade envolvida no ato de brincar, destacando a subjetividade enquanto resultado do encontro amoroso sensível entre pais e filhos em que é possível o impensável ou indeterminado na experiência amorosa do adulto com a criança, cujas legalidades e limites depende a relação libidinal e instintiva do amor em que Amar o outro (voz ativa), amar a si mesmo

(voz neutra) e ser amado pelo outro (voz passiva) constituem uma experiência fundadora.

A partir de um caso clínico, Rosa Maria Marini busca estabelecer uma articulação teórica sobre a relação mãe-bebê para Sigmund Freud, Melanie Klein e Jacques Lacan, discutindo a complexa ambivalência materna e sua função estruturante para o bebê em seu trabalho o ódio suficientemente bom: sobre mães que amam demais. Quem ama também odeia? Que dimensão o ódio materno alcança em determinados casos? Propondo assim a ideia de que a mãe “suficientemente cheia de ódio” permite o surgimento do sujeito no bebê.

No artigo “A violência materna e o traumático na infância”, de Michele Kamers, encontramos a dimensão mais trágica e difícil do amor ao abordar as vicissitudes de quando o pior acontece na infância, quando a mãe não pode se desprender de seu filho, tomando-o como extensão de seu corpo. Com fragmentos de casos impactantes, tece considerações valiosas a respeito das amarrações desastrosas que o ódio pode promover, mesmo enquanto faceta amorosa.

Por fim, ao refletir sobre os impasses amorosos anunciados nos dias atuais, Gabriel Inticher Binkowski discute o lugar da criança e o desejo de filho anunciado no laço social contemporâneo, em que a idealização da criança e a promessa do filho vir a ser o que os pais não foram, se torna um imperativo superegóico que impede não apenas a instauração do narcisismo e do amor, mas a renúncia ao desejo de filho, agenciada pelo ideal de uma parentalidade que exclui não apenas as crianças do outro espelho, mas suas famílias, seus nomes, sua descendência, numa forclusão radical de uma alteridade anunciada.

1. Os amores da criança¹

Alba Flesler

O amor é um grande tema. Não apenas porque há muito desperta o interesse de poetas e literatos, ou porque desperta reflexões filosóficas e estimula a investigação de suas razões que, vale dizer, bordejam tons enigmáticos. O amor e as suas labirínticas sendas produziram igualmente uma profusão de escritas psicanalíticas e absorveram tinta no desvelamento das reviravoltas que, na prática clínica cotidiana, não param de nos interrogar diante de suas enigmáticas manifestações.

Entre essas interrogações, uma nos chama hoje: como amam as crianças?

O amor, que abre seu olhar a múltiplos enfoques e faz as suas notas ressoarem na própria estrutura humana, faz essa pergunta se relacionar a outra à qual quero me referir: realçando-se os tempos da infância, que especificidade podemos apontar no amor das crianças?

Tal delimitação, que considera minuciosamente as dimensões do tempo, abre bem o viés que me interessa para abordar “os amores da criança” (Flesler, 2007). Uma proposta que intenta abrir duas perspectivas, baseadas no convite que o genitivo nos faz. Falo do genitivo

1 Tradução de Estanislau Alves da Silva Filho.

subjetivo, dos amores que a criança sente, e do genitivo objetivo, ou seja, dos amores que uma criança desperta nos outros.

Começemos pelos amores que a criança desperta, já que acentua a dimensão temporal que precede o nascimento da criança, sua incidência permitindo delimitarmos os amores e os tempos da constituição na estrutura humana.

Para iniciar do ponto de vista da questão temporal, direi que a criança é sempre um objeto no fantasma do adulto e que uma criatura viva só é tida como criança se possuir algum valor para outro ser humano à época. Sem relação com o outro não há lugar para o sujeito.

Costumava-se dizer que os filhos vieram ao mundo porque os pais fizeram amor, mas bem sabemos que apenas alguns seres vivos recebem alojamento no amor do outro. O engendramento não requer amor para produzir vida, ainda mais em tempos de provetas e fertilizações. Dar vida não é o mesmo que dar existência.

Na tentativa de superar as barreiras que os sintomas atuais opõem à simplificação do tema, as leis buscam regular a função da maternidade criando coordenadas que definiriam uma mãe.

Assim, na Argentina, foi decidido que mãe é quem expressa a “vontade procriacional” (Ministerio de Justicia y Derechos Humanos, 2014). Não há dúvidas do valor existente no esforço para solucionar as disjunções oriundas da emergência das técnicas de reprodução assistida, entre mãe biológica, doadora ou portadora. A partir da psicanálise, nos parece necessário incluir outra variável que, não obstante, funciona como uma invariante na hora de indicar a função da mãe no mosaico que constitui a subjetividade. Trata-se do desejo materno, do desejo inconsciente que, apoiado no fantasma “materno”, dará um lugar à criança, conferindo-lhe valor de objeto.

E por que trazer esse ingrediente para falarmos do amor e, mais especificamente, dos amores da criança (no plural, como nos cabe)?

Porque é pelo desejo da mãe que serão engendradas as consequências relacionadas à capacidade de gozar, de desejar e também de amar do vivente.

E que consequências serão impressas na criança se ela chegar à vida como objeto no fantasma (materno) que sustenta o desejo da mãe?

Em primeiro lugar, amparado no valor que a criança tem como falo imaginário do outro, se produzirá o suporte narcísico por meio do qual se configurará a imagem unificada do corpo do sujeito. Não será mais apenas um corpo orgânico, mas se constituirá como um corpo real, simbólico e imaginário. Corpo do sujeito que terá a sustentação de sua unidade no desejo da mãe (Lacan, 1974/1988). É desse desejo, pois, que se institui a ilusão do falo, ilusão que não é menos do que a cobertura imaginária de uma falta real. Sem ilusão, não haverá corpo capaz de sentir amor.

O sentimento, *Gefühl*, é uma expressão sensível que precisa da consistência imaginária do corpo para a sua manifestação. Difere do afeto, *Affekt*, que é do real (Vegh, 2022).

Uma vez que não é natural que isso ocorra, diremos que é no amor materno que se engendra o corpo do narcisismo necessário para se chegar a amar. Mas, essa criança amada, objeto do outro: como é que ela chega ao amor? Como é que se entrelaçam os fios do amor para tal sujeito?

Do amor do outro aos amores do sujeito será necessário que se recriem certas operações sem as quais não há progressão. Diz-se que há amores que matam, e podemos mesmo constatá-lo na clínica quando observamos que um amor materno nem sempre é possibilitador e que só possibilitará uma recriação amorosa se se enlaçar e amarrar bem.

E o que é que queremos dizer com esse se amarrar bem? (Lacan, 1973) Nos referimos a que se encontre um bom enlaçamento no nó do amor, do desejo e do prazer. O ponto é que a criança se insira nesse

nó enquanto objeto. Fora essa a pontuação de Freud (1915-1917/1985, 1914-1916/1985, 1919/1985) quando fez da criança uma equivalência fálica, um objeto do narcisismo dos pais e objeto de gozo do fantasma “Bate-se numa criança”. No nó do amor, do desejo e do gozo se engendra a criança como objeto.

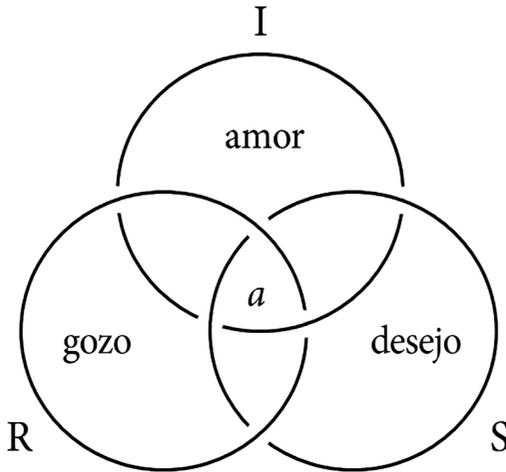


Figura 1.1 Nó do amor, do desejo e do gozo.

Mas a sua inserção no nó borromeu dos pais dependerá do bom enlaçamento dos três – um enlaçamento em que cada um encontrará limite nos outros dois (Flesler, 2007, p. 66). Nesse caso, o objeto se acomodará com seus dois funcionamentos: objeto falta, causa de desejo, e objeto mais de gozar, dando lugar a uma alternância benéfica que evita uma fixação estagnada e imóvel. Falar em bom enlaçamento é já admitir que somente se o amor, o desejo e o gozo da mãe admitirem a função fálica, capaz de conferir incompletude à estrutura, é que o lugar da criança poderá funcionar em alternância. Uma presença-ausência que dará origem a um intervalo propício à resposta do sujeito (Lacan, 1986).

Lacan (1975) é explícito quanto a isso: é necessário um pai para realizar a subtração da presença do objeto no fantasma “materno”. Sua função de transmissão da lei do desejo oferecerá borda ao gozo da mãe,

tornando-a não toda mãe, privando o filho do gozo incestuoso e a si mesmo do gozo de sua perversão (*père-version*). O destino da criança depende dessas operações – do desejo da mãe e do nome do pai – na passagem de ser amado, desejado e gozado enquanto objeto para a existência como sujeito do desejo, do amor e do gozo.

Anteriormente disse que iria lidar com os amores da criança. Por que no plural?

Pois existem amores e amores:

O amor imaginário, que só quer transformar dois em um, sem admitir nenhuma falha. E o amor simbólico, que visa dar o que não se tem a quem não o é, baseado na falta que pode ou não se ligar ao amor real, aquele que por meio do amor-sublimação faz o gozo condescender ao desejo (Lacan, 1962-1963, 1959-1960).

O amor das crianças depende da doação da falta que, na pluralidade entrelaçada de amores, possibilitará à criança amar, desejar e gozar como sujeito.

Referências

- Flesler, A. (2007). *El niño en análisis y el lugar de los padres*. Paidós.
- Freud, S. (1985). Introducción del narcisismo. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 14., pp. 87-88). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914-1916).
- Freud, S. (1985). Pegan a un niño. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 17, pp. 177-200). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1985). Sobre las transmutaciones de los instintos y especialmente del erotismo anal. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 14, pp. 113-124). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915-1917).

- Lacan, J. (1959-1960). *Seminario VII*. Seuil.
- Lacan, J. (1962-1963). *Seminario X*. Seuil.
- Lacan, J. (1973) Los Nombres del Padre (Los no incautos yerran), clase del 11 de diciembre de 1973.
- Lacan, J. (1975). Seminario XXII: R. S. I., clase del 21 de enero de 1975. Versión de M. Chollet.
- Lacan, J. (1986). Deux Notes a J. Aubry. In J. Lacan, *Ornicar?* (Ornicar n. 37).
- Lacan, J. (1988). La tercera. In J. Lacan, *Intervenciones y Textos II* (p. 88). Manantial. (Trabalho original publicado em 1974).
- Ministerio de Justicia y Derechos Humanos. (2014). Art. 562 “Voluntad Procreacional”. In *Código Civil y Comercial de la Nación*, Ley 26.994, Libro Segundo, Título V, Cap. 2.
- Vegh, I. (2022). *Sentimiento, pasión y afecto en la transferencia*. Lugar.



O que um psicanalista que escuta crianças aprende sobre o amor? Grosso modo, a questão da psicanálise gira em torno da relação do sujeito com a falta de objeto e as estratégias para dar contorno ao desamparo. As ditas “histórias de amor” apontam para a promessa de felicidade ao recalcar o impossível, um dos nomes do real para Lacan. A partir de Freud, o amor tende a funcionar como modelo de busca de felicidade e reconhecer a sua natureza ilusória de consolo e de apaziguamento imaginário do mal-estar próprio ao desejo humano num contexto em que o amor se descobre a partir do encontro sempre faltoso do sujeito com o outro e com a sexualidade. Quando três mulheres psicanalistas, tão diferentes entre si, se propõem a fazer uma mesma pergunta tão pouco feita sobre as crianças e o amor, a resposta está neste livro. Cada um dos autores escreveu a partir de questões e elaborações clínicas que convidam os leitores a enriquecer os desdobramentos acerca dessa temática, não apenas valiosa, mas carente de escritos.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2357-3

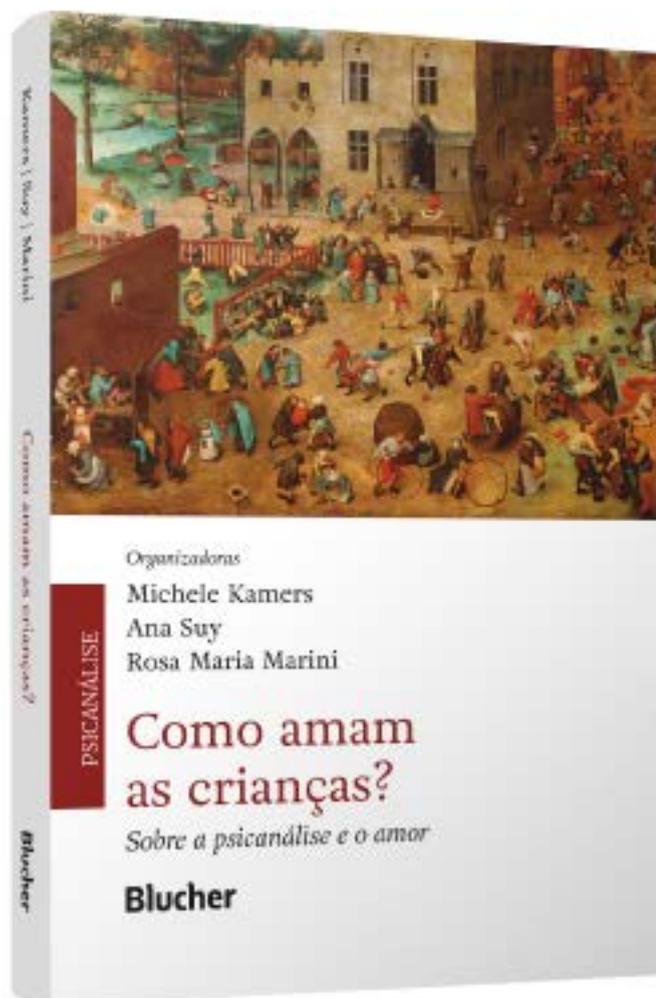


9 788521 223573



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Como amam as crianças?

Sobre a psicanálise e o amor

Michele Kamers, Ana Suy, Rosa Maria Marini (Org.)

ISBN: 9788521223573

Páginas: 272

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
